



Arquivo

A escolha de Tancredo "tem o peso de uma revolução"

The Economist pede a banqueiros 'chance' para futuro governo

LONDRES — A revista *The Economist*, em sua edição que começou a circular ontem, convidou os banqueiros internacionais a serem flexíveis com o novo governo prestes a assumir no Brasil, observando que a América Latina pode estar se dirigindo politicamente para a centro-direita. "O quase-futuro presidente brasileiro, Tancredo Neves, merece uma chance dos bancos ocidentais", diz o editorial "O homem mais endividado do mundo". Considerado a voz da classe conservadora britânica, o semanário afirma ainda que a escolha de Tancredo Neves — um civil — pelo colégio eleitoral em 15 de janeiro próximo "tem o peso de uma revolução".

Segundo *The Economist*, se Tancredo "pode manter a paz social enquanto negocia com os credores brasileiros, ele poderá instaurar uma democracia tão sólida quanto a venezuelana ou a espanhola desde a morte de Franco". E advertiu: "Se ele, por outro lado, sucumbir à tentação populista, os banqueiros temerão e as balonetas entrarão novamente em ação." A revista diz ainda que alguns banqueiros temem a ascensão de Tancredo Neves à Presidência da República porque ele foi primeiro-ministro do "governo populista de João Goulart, que foi derrotado pelo Exército em 1964".

O periódico britânico acrescenta que o futuro presidente enfrenta uma tarefa muito difícil: o pagamento da dívida externa e também satisfazer os pontos de vista da "estranha coligação que o apóia". *The Economist* disse que o presidente do partido de Tancredo (FMDB), Ulysses Guimarães, considera a dívida externa como a culpada por todos os males do Brasil.

"JEITO BRASILEIRO"

"Os credores brasileiros, que tão impensadamente correram a lide emprestar seu dinheiro em primeiro lugar — diz o editorial — deveriam ser tão flexivelmente inteligentes com o

Brasil como foram com o México. A América Latina pode estar se movendo para a centro-direita." Para a revista, "uma revolução está se processando no Brasil, a décima maior economia do mundo e o maior devedor dos bancos internacionais. É certo que essa revolução está ocorrendo sem tiroteios nas ruas ou linchamento de políticos: mudança sem derramamento de sangue e o jeito brasileiro".

O semanário britânico considera que, "após duas décadas em que o Exército tomou o poder no Brasil, a tentativa dos generais de escolher um sucessor civil para o presidente que sai, general João Figueiredo, tornou-se um grande avanço". No governo Tancredo Neves, "o emergente padrão dos acordos para os débitos latino-americanos — a adoção de disciplinas do FMI em troca de prazos de pagamentos cada vez mais elásticos — parece que continuará", prossegue a revista. "Se os bancos ajudarem o sr. Neves, ele também achará mais fácil encontrar apoio junto aos seus compatriotas para a política que fará o máximo para reviver o boom da economia brasileira, ou seja, as boas-vindas aos investidores estrangeiros através das companhias multinacionais que deram ao Brasil um crescimento de 10% ao ano no início dos anos 70."

Tancredo Neves é considerado, pela publicação, como "o último de uma linhagem de líderes civis numa América do Sul que até há dois anos atrás parecia mais um campo de parada militar. Os novos civis mudaram os destinos". A revista diz ainda que o presidente Raul Alfonsín na Argentina ainda tem apoio maciço da nação apesar da inflação de 650%.

Ao finalizar o editorial, *The Economist* afirma: "A promoção do sr. Tancredo Neves a capitão da nação, almirante da América Latina pode ser tão importante para a região como foi a tomada do poder pelos militares no Brasil em 1964".